

Memórias de uma revolução educacional interrompida¹

Kerbauy, Pessotti e Todorov relembram a criação de um projeto revolucionário de ensino, usado no primeiro curso de Psicologia da UnB, sob liderança da professora Carolina Bori

Por Maria de Lima Wang

O professor João Claudio Todorov havia concluído bacharelado em Psicologia na USP, em 1962, quando se juntou ao grupo de Brasília, formado inicialmente por Carolina Bori, Rodolpho Azzi e Gilmour Sherman. O convite a Todorov veio de Sherman, que substituíra Fred Keller na USP, quando Carolina Bori recebeu de Darcy Ribeiro, então reitor da Universidade de Brasília, a proposta para que ela coordenasse a criação do Departamento de Psicologia da UnB.

Diz Todorov que o convite de Sherman mudou sua vida. Deixou de lado uma carreira como analista de cargos e salários na General Electric (GE), na qual, entre outras atribuições, realizava pesquisas sobre motivação de pessoal. Iria a Brasília sem salário, como bolsista de pós-graduação, e como monitor de ensino. O valor da bolsa era metade do salário que recebia na GE. Embora tivesse de deixar seu emprego em uma multinacional e ganhar menos, as perspectivas do projeto de Brasília eram muito promissoras. “Brasília era o futuro do Brasil”, afirma Todorov, que acrescenta que a proposta do grupo era montar um curso de Análise Experimental do Comportamento com o que havia de mais moderno na área.

A professora Rachel Rodrigues Kerbauy graduou-se em Pedagogia no Sedes Sapientiae, em 1955. Havia trabalhado como professora em várias instituições de ensino – e até como diretora de colégio – quando começou a ter dúvidas sobre “a Psicologia que praticava”. Soube que um professor norte-americano estava dando aula de Psicologia Experimental na USP. Procurou o professor e descobriu que ele havia voltado para os Estados Unidos, mas era substituído por outro americano, Gil Sherman.

Rachel conta, com entusiasmo, que assistiu a uma aula de Sherman sobre encadeamento, em que Sherman colocou um ratinho na sala e deu a aula de acordo com o desempenho do animal. Rachel descreve a aula de Sherman como uma das mais bonitas a que já assistiu. “Ao mostrar o rato trabalhando e explicar o comportamento do animal ficava explícito como o comportamento aparecia e era mantido”, diz. Algumas questões que a jovem professora tinha sobre sua Psicologia começaram a ser respondidas naquela aula. “Descobri o mundo”, afirma Rachel, que relata que depois de assistir à aula de Sherman decidiu que “era aquilo que queria estudar.”

Na mesma época, Rachel havia conseguido uma bolsa de estudos da FAPESP para fazer especialização sobre deficiência mental na França. Chegou a pensar em desistir da bolsa porque agora queria estudar Psicologia Experimental com o grupo da USP. Foi aconselhada por Carolina a ir para a França, pois a especialização fora representava experiência importante para a carreira de Rachel como pesquisadora. Ficou subentendido, diz Rachel, que ao voltar da França ela poderia procurar novamente o grupo de Psicologia Experimental da USP.

Foi o que fez. Ao voltar da França, Rachel preparou um projeto de estudo sobre discriminação operante para solicitar uma bolsa à FAPESP. Comentou sobre seu projeto com Rodolfo Azzi – descobriu, depois, que ele era parecerista da FAPESP – e Rodolpho pediu para dá uma olhada

¹ Texto publicado originalmente no Boletim Contexto da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, edição 33 de dezembro de 2010, que pode ser lido integralmente no seguinte link: <http://www.abpmc.org.br/site/wp-content/uploads/2011/06/33.pdf>

no projeto. Depois de ele ler o texto e esclarecer dúvidas com Rachel, Azzi disse que em vez de submeter aquele projeto à FAPESP Rachel iria para Brasília fazer pós-graduação na UnB, na abertura do curso de Psicologia da universidade.

Graduado em Psicologia pela USP, em 1955, o professor Isaiás Pessotti trabalhava com Carolina Bori em Rio Claro, quando ganhou uma bolsa para estudar na Itália. Estava em Milão quando recebeu uma carta de Carolina. A professora informava que Pessotti havia sido contratado como professor-assistente da UnB. “Fui contratado para trabalhar com o grupo à revelia”, afirma Pessotti. Com a carta, recebeu passagem e cópia de chave de um apartamento dentro da UNB, o que foi considerado por ele um grande privilégio. Pessotti juntou-se ao grupo, em Brasília, no início de 1965.

O grupo começou a trabalhar em São Paulo nos preparativos para Brasília um ano antes do início efetivo do curso. Carolina, Rodolpho e Sherman viajaram aos Estados Unidos para comprar equipamentos, livros e conhecer departamentos de Psicologia de universidades americanas. Mário Guidi trabalhava na construção de equipamentos que seriam usados no laboratório. Por sugestão de Carolina, Todorov fez o curso de licenciatura em Psicologia na USP, já se preparando para a pós-graduação. Paralelamente, iniciou a tradução de *Science and human behavior*, sob a coordenação de Rodolpho Azzi, material que seria usado no curso de Brasília.

A chegada a Brasília – O grupo chega a Brasília em maio de 1964 para iniciar, na universidade, os preparativos para o curso que começaria no segundo semestre daquele ano. De acordo com Todorov, Carolina e Rodolpho estavam abalados com o golpe militar e não sabiam bem o que fazer. Naquela altura, Darcy Ribeiro havia deixado a universidade e teve de fugir do País. Foi substituído por Zeferino Vaz, que assegurou a continuidade do projeto do grupo da USP na UnB.

Além de Rachel e Todorov, outros alunos de pós-graduação integravam o grupo de Brasília. Em palestra apresentada na abertura da Reunião Anual de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, em 1983 – publicada com o título *Imagens da vida de um professor – (Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol.12, 1996)*, Keller menciona, além de Rachel e Todorov, Luiz Oliveira, Luiz Otávio e outros. Keller descreveu a chegada à capital federal nos seguintes termos: “Então, o grupo todo, de carro ou de avião, com os livros e equipamentos, ‘baixou’ na cidade com as famílias e pertences, hospedando-se provisoriamente nos hotéis elegantes. Luiz Marcellino de Oliveira, um de nossos candidatos a grau de Mestre, já estava lá, e serviu como nosso guia. Logo depois vem Rachel Rodrigues (agora Kerbauy), Luiz Otávio de Seixas Queiroz, João Cláudio Todorov, Mário Guidi e alguns outros... sob a liderança da nossa Coordenadora, Dona Carolina, um departamento era estabelecido, com um laboratório, um viveiro, uma biblioteca, salas de aulas, e escritório para todo o pessoal. O Mário montou uma oficina mecânica e começou a construção de um aparelho novo. Um curso introdutório era planejado pelo Rodolfo, com aprovação de todos. Conselheiros distintos foram selecionados pelo Departamento para orientá-lo, e dois professores foram convidados para fortalecer o currículo em várias dimensões.” (Mais tarde Keller afirmaria em sua biografia que não se podia imaginar uma equipe mais eficiente do que aquela).

Antes de iniciar oficialmente o curso com alunos de graduação, o material didático foi testado com os alunos de pós-graduação. Segundo Rachel, Rodolpho escrevia um experimento, os monitores faziam experimentações no laboratório e descobriam que aspectos deveriam melhorar. Essa forma de trabalho produzia benefícios duplos para a equipe. “A gente estava aprendendo”, afirma Rachel, “e eles [os professores] aproveitando nossas considerações sobre o material.”

Em agosto de 1964, inicia-se, finalmente, o primeiro curso de Psicologia da UnB com o *Sistema Personalizado de Ensino* (PSI), nascido do trabalho de Carolina Bori, Fred Keller e colaboradores. Talvez seja conveniente recorrer a uma fonte fora da Análise do Comportamento para se ter noção sobre o impacto do trabalho do grupo da USP na UnB naquela época. O físico e engenheiro Roberto Salmeron descreveu o método de ensino do grupo em seu livro *A universidade Interrompida – Brasília 1964-1965* como “grande avanço pedagógico” e “um bom exemplo de que contato estreito entre pesquisadores é indispensável não só para o progresso da ciência, mas também ao do ensino.” Classificou o ensino de Psicologia na UnB como “original, novo, não somente no Brasil como em nível internacional” e caracterizou o novo sistema de ensino como segue: “O método consiste em uma programação dos estudos na qual o aluno é orientado para que desenvolva suas capacidades e aprenda a enfrentar problemas; recebe com antecedência o curso teórico redigido, assim como textos complementares, e deve realizar uma série de experimentos preparados com instruções básicas. Fica motivado, porque pode ler o conteúdo das aulas antes de assistir a elas, o que facilita e aprofunda a sua compreensão. Faz sozinho as experiências, mas com a possibilidade de manter diálogo com o professor e com colegas. Fundamentalmente aprende a trabalhar e a aprender, com a mesma atitude mental de um processo criativo.”

Salmeron menciona em seu livro outras vantagens do método, como o fato de o aluno progredir de acordo com o próprio ritmo, trabalhar nos momentos mais apropriados, sem contar com data fixa para as atividades. “Ele mesmo escolhe a ocasião em que deseja ser arguido, para que o professor julgue se a tarefa pode ser considerada terminada ou se há algo ainda a fazer, antes de passar para a tarefa seguinte. Como podemos imaginar, o método exige dedicação e muita presença do corpo docente.”

A programação do material era aprimorada constantemente com base no retorno do aluno, criando um entrelaçamento com potencial para ser mutuamente reforçador para o grupo. Questões sobre o texto geralmente eram incorporadas ao material de estudo. “Aquilo era um reforço para o grupo”, afirma Rachel, para quem a participação do aluno também era ativa nesse sentido. As instruções de estudo eram rigorosamente preparadas para assegurar que se o aluno seguisse à risca essas instruções teria sucesso na tarefa. Problemas que o próprio aluno pudesse resolver deveriam ser deixados para ele resolver. Rachel conta que os monitores discutiam os experimentos antes, com o aluno, mas no laboratório não podiam esclarecer dúvida, porque o aluno tinha de saber seguir instrução.

De acordo com Rachel e Todorov, o primeiro semestre do curso, quando foi ensinado Introdução à análise experimental do comportamento 1 (IAEC 1), foi marcado pela alta velocidade da aprendizagem dos alunos, a ponto de os monitores, assim como Rodolpho Azzi, que programava o material de ensino, terem de se apressar para não ser superados pelos alunos.

Isaías Pessotti, ao chegar à UnB em 1965, foi encarregado por Rodolpho Azzi de preparar o curso de Introdução a análise experimental do comportamento 2 (IAEC 2). O curso incluía leituras e experimentos relacionados com comportamento humano. A tarefa de Isaías envolvia propor experimentos; preparar material para leitura; organizar seminários; gravar aulas que ficavam à disposição dos alunos. Para Pessotti, o ensino empregado em Brasília foi resultado de métodos já adotados por Paulo Sawaya, na USP, e por Carolina Bori, em Rio Claro. Tanto que considera que o primeiro curso de ensino programado foi dado por Carolina em Rio Claro, e não em Brasília. A diferença, segundo Pessotti, foi que em Brasília o grupo teve assessoria de Sherman e o reconhecimento dos demais departamentos da universidade.

Pessotti faz uma analogia entre o Departamento de Psicologia da UnB e um supermercado: o grupo oferecia curso de Psicologia para quem estivesse interessado na área: músico, arquiteto, engenheiro. “Formaram-se grupos de alunos de primeira linha”, afirma Pessotti. “Médicos, engenheiros, geneticistas passaram a nos respeitar”, diz.

Sobre o fim das atividades de um grupo e o início do trabalho de outro grupo na UnB

Em outubro de 1965, com novo reitor nomeado pelo presidente da República, cresce a pressão militar sobre a UnB. Rodolpho Azzi descreveu a situação na universidade em carta a Keller (publicada na autobiografia de Keller). Revela que o reitor se alinhou aos militares contra professores e estudantes da universidade. No auge da crise, 16 professores foram demitidos da UnB, entre eles, o próprio Rodolpho Azzi, braço direito de Carolina. Carolina pede demissão e volta para a USP. A maioria dos professores do departamento deixa a universidade em solidariedade a ela. “Estávamos fazendo uma universidade modelo e a ditadura percebeu isso”, afirma Pessotti. “Era preciso dissolver aquele grupo”, diz. Isaías Pessotti volta para a Itália; Rachel vai para o Sedes. Alunos e professores que participaram daquele projeto revolucionário e promissor se espalham pelo Brasil. A essa altura, Todorov fazia doutorado na *Arizona State*, mesma instituição em que Keller e Sherman estavam vinculados desde agosto de 1964.

Na referida carta a Keller, Azzi informa que o novo reitor exigiu mudanças na orientação do Departamento de Psicologia para “atender às necessidades sociais do País” e Robert Berryman, professor norte-americano convidado pela UnB, estaria, segundo o reitor, de acordo com a nova orientação. A UnB contrata alunos de pós-graduação para continuar as atividades na instituição. Conforme Todorov, duas turmas de 1965 não concluíram o curso.

Para Todorov, após o episódio da demissão de professores o grupo de Brasília se dividiu entre “os amigos que deixaram a universidade e os que ficaram nela.” Mesmo contrariando o desejo de Keller, Berryman ficou no grupo dos que permaneceram na universidade. Alegou, segundo Todorov, que seu compromisso era com a Análise do Comportamento e não com questões políticas do Brasil. Outros professores brasileiros e estrangeiros foram convidados a lecionar na universidade e retomar as atividades.

Aparentemente ainda hoje essa questão, em torno de quem ficou e quem saiu da UnB naquela época, provoca polêmica entre analistas do comportamento. Na entrevista para esta matéria Todorov mencionou a entrevista de Carolina Bori com ele, realizada muito tempo depois dos acontecimentos de Brasília. Ele notou que Carolina abriu a entrevista perguntando-lhe por que ele voltou para a UnB após a dissolução do grupo.

Para o professor Todor, que mais tarde se tornaria reitor da UnB, apesar dos acontecimentos dramáticos que dividiram o grupo, Brasília transformou-se em “um centro irradiador de pessoas”, contribuindo de forma marcante para disseminar a Análise do Comportamento pelo Brasil. Pessotti também diz acreditar que o florescimento da Análise do Comportamento é produto daquele êxodo. Pessotti destaca duas características principais dos integrantes do grupo: preparo científico rigoroso e comprometimento com a construção de um Brasil diferente do País daquela da época.

Questões sobre o efeito do trabalho do grupo de Brasília na educação

Algumas questões sobre a história do grupo de Brasília parecem permanecer sem resposta ou suas respostas continuam sem consenso até entre analistas do comportamento que foram testemunhas oculares ou personagem da referida história. Uma dessas questões foi feita por Keller em sua biografia: *Que teria acontecido sem o Golpe Militar de 64 e sem a intervenção dos militares na UnB?* O próprio Keller responde que talvez nunca venhamos saber. Lamenta a dor e o sofrimento causado por todos envolvidos no projeto. “O sonho de Rodolpho Azzi foi despedaçado e seu futuro acadêmico destruído”, escreveu Keller.

Outra questão se refere ao impacto da Análise do Comportamento na educação. Com um início tão promissor, contando com um grupo de professores e alunos tão bem preparados, com estrutura adequada por que a Análise do Comportamento pouco influencia as práticas educacionais brasileiras? João Claudio Todorov, Isaías Pessotti e Rachel Kerbauy apontam possíveis razões.

Todorov considera que o curso programado para o segundo semestre na UnB (IAEC 2), tratando apenas de comportamento humano, não se consolidou como o curso dado no primeiro semestre (IAEC 1). No primeiro curso, o grupo contava com o livro do Keller, com experiências anteriores, como as de São Paulo. O curso de IAEC 2 ainda estava sendo organizado pelos professores, sem falar que o curso estava ocorrendo no auge do cerco militar sobre a universidade.

Outro ponto importante, a seu ver, foi o fato de Carolina Bori (Todorov se refere a ela como “o grande nome da USP”) voltar a ser a “velha Carolina de antes”, que dizer: voltada para fortalecer a Psicologia como ciência, a pesquisa pelo método experimental rigoroso, orientando alunos de diferentes abordagens. Todorov refere-se, ainda, ao que define como arrogância de analistas do comportamento em achar que fora de sua área não existe Psicologia científica. “Ao afirmar que ciência é o que fazemos, atraímos a ‘maldição’ para nós”, diz ele, que considera que todos eram arrogantes. “Achávamos que Skinner e a Análise do Comportamento eram o futuro e resto desapareceria.”

Para Rachel, uma das razões para a falta de adesão ao ensino programado, conforme usado em Brasília, é o fato de ele ser muito trabalhoso. O professor tem de trabalhar muito na programação do ensino, no preparo de várias atividades, nas avaliações constantes. A professora levanta também a possibilidade de o método ter se tornado aversivo para os alunos. Lembra que houve uma época na USP em que a avaliação se dava por meio de entrevista com outro aluno. Um aluno tomava o ponto do outro para saber se o colega sabia aquele passo. Essa situação pode ter promovido competição entre os alunos. Além disso, o professor dava seminários só de vez em quando. Para Rachel, talvez tenha faltado planejar melhor as interações entre professor e aluno. Por essas razões a professora supõe que o curso de Psicologia Experimental pode ter se tornado mais aversivo para o aluno em comparação com outros cursos de Psicologia.

O terceiro aspecto mencionado por Rachel – enfatizado também por Todorov – refere-se ao fechamento do grupo de analistas do comportamento em si. Segundo a professora, não era fácil entrar no grupo por que “analistas do comportamento achavam que tinha algo pronto e aquilo era o melhor”. “Ninguém gosta de não ser considerado bom”, diz. “Como entrar em um grupo em que somos rejeitados?”, questiona Rachel.

Isaías Pessotti acredita que a falta de impacto da análise do comportamento na educação se deve, em parte, à omissão do pesquisador, que, segundo Pessotti, está interessado em resolver questões relativas a sua pesquisa. “Cada um faz sua pesquisa para responder a estudos do JEAB e muito menos para instrumentar o aluno para mudar a sociedade”, afirma Pessotti, que diz acreditar que existe uma barreira entre pesquisador e educador. “A pesquisa experimental” afirma Pessotti “termina na revista”. Para Pessotti, são os clínicos que estão ajudando a mudar a sociedade.

Pessotti critica o que chama de “política míope” da universidade pela qual se premiam pessoas que mais publicam, em vez de pessoas que sabem mais e mais ensinam. Considera que o fato de a publicação ser crucial para o crescimento na carreira acaba por desestimular o trabalho no ensino de graduação. Para Pessotti, é preciso levar em conta também o desalento do

especialista que se sente incapaz de alterar as contingências em vigor no sistema educacional em que atua.

Além desses fatores, Pessotti supõe também que o sucesso do método adotado pelo grupo talvez tenha provocado excesso de autoconfiança, e isso pode ter comprometido o diálogo entre analistas do comportamento e profissionais de outras abordagens. Considera, ainda, que em geral o behaviorismo afasta alunos, em parte porque os behavioristas foram enquadrados como se fossem gente que está em uma torre de marfim, fazendo coisa complicada que não tem nada a ver com a humanidade.

Como ampliar a influência da Análise do Comportamento na educação

A necessidade de estimular o diálogo com outras áreas do conhecimento aparece como um dos consensos entre três entrevistados para esta matéria. A estratégia passa, segundo Todorov, Rachel e Pessotti, por uma revisão na forma de comunicação do grupo. Dizem que é preciso adotar linguagem menos técnica, que possa ser compreendida pelo leigo em Análise do Comportamento. Conforme Todorov, analistas do comportamento precisam de termos técnicos e de teoria para orientar suas pesquisas e para falar com seu pares. Não precisam ensiná-los ao cliente. Em outras palavras, afirma que “para chegar ao povo é preciso falar como o povo fala.”

Ampliar a influência da Análise do Comportamento não só na educação mas na sociedade em geral, implica também, segundo Todorov, respeito a diferentes abordagens. Ele diz que há muita gente fazendo trabalho sério com base em diferentes premissas. Sobre esse aspecto, ele faz uma ressalva e diz que começam sobressair-se na área pessoas com “ideias arejadas”, capazes de iniciar e fortalecer o diálogo entre analistas do comportamento e profissionais de outras abordagens. Cita como exemplo desse profissional Roberto Banaco, da PUC-SP, considerado por Todorov com um dos melhores profissionais da análise do comportamento no Brasil e no exterior. Conforme Todorov, Banaco trabalha com desenvoltura em pesquisa básica, histórico-conceitual e aplicada. Tem hoje plenas condições de dialogar com diferentes abordagens psicológicas e disposição para fazê-lo.

Para Rachel Kerbauy destaca que o modelo de análise funcional dos analistas do comportamento – em que se consideram o contexto, o comportamento e a consequência do responder – é imbatível. Mas também acredita que analistas do comportamento têm de desenvolver habilidade para dialogar com outras áreas. E esse diálogo depende, em alguma medida, segundo ela, de os analistas do comportamento aprenderem a se comunicar com audiências não especializadas, sem a necessidade de usar termos técnicos. Depende também, conforme Rachel, da sensibilidade em reconhecer o trabalho de profissionais de outras áreas, o que, segundo ela, exige cuidado com a forma de interação. Para Rachel, depois de criadas as bases para o diálogo, podem-se mostrar pontos de divergências e o porquê dessas divergências.

Isaías Pessotti considera que aumentar a influência da Análise do Comportamento na sociedade depende de um longo caminho pela frente. Esse caminho passa pela tradução da linguagem comportamental em termos que o povo entenda, conforme destacado por Rachel e Todorov. Depende também, a seu ver, de investimentos em projetos de formação popular para “mostrar como o povo é controlado pelo governo, pela mídia, pela igreja”. Pessotti acredita que é preciso chegar ao povo como uma ação política, porém, apartidária. Do contrário, conhecimentos da área serão usados conforme interesses políticos específicos, não necessariamente associados com o interesse da sociedade.

Pessotti também defende a abertura da comunidade. Considera a área florescente, com excelentes cursos de pós-graduação, muitas pesquisas, mas critica o fato de a comunidade permanecer fechada. Acredita que esse fenômeno se deva ao sucesso da própria comunidade. Pessotti descreve contingências que possivelmente operam no sentido de fortalecer o fechamento do grupo, por exemplo, nos congressos da área. Em um congresso, nota Pessotti, existe sempre a possibilidade de alguém gostar do trabalho um do outro. Cria-se, assim, um círculo de reforçamento mútuo, diminuindo a probabilidade de o analista do comportamento enxergar algo de bom em trabalhos de outras abordagens. “É como se a comunicação contínua, em linguagem adequada, passasse a bastar”, diz.

Uma questão, ainda – Retomando a afirmação de Todorov de que o grupo da UnB teria se dividido entre os amigos que saíram e os que ficaram na universidade, pode-se perguntar, ainda: qual teria sido o efeito sobre a Análise do Comportamento no Brasil se nenhum analista do comportamento tivesse permanecido na UnB depois da demissão de Carolina? E mais: se isso tivesse ocorrido, a UnB seria hoje – conforme descreveu Pessotti – um centro de produção de vanguarda em análise do comportamento? Parafrazeando Keller, é possível que nunca venhamos saber.